



“Questão Social, Pandemia e Serviço Social: em defesa da vida e de uma educação emancipadora”

Eixo temático: Questões Agrária, Urbana, Ambiental e Serviço Social

Sub-eixo: Ênfase na Questão Urbana

TERRITÓRIOS E PRODUÇÃO DO ESPAÇO

RODRIGO APARECIDO DINIZ ¹

RESUMO: O artigo estabelece aproximações em relação a produção do espaço territorial como um processo relacional, eminentemente social, histórico, econômico, político e cultural. Uma construção social mediada pelo traço ontológico do trabalho que move a produção e reprodução da vida social, pois é pelo trabalho que o gênero humano responde as suas necessidades, transforma a natureza e também se transforma. Desta forma, o território é uma construção social, pregada ao processo histórico, ao tempo e as relações sociais. No contexto contemporâneo do capital financeiro, em sua forma globalizada de expansão, exploração e capilarização tencionando complexas mediações na produção do espaço territorial.

PALAVRAS-CHAVES: Produção do espaço, Trabalho, Territórios, Construção sócio-histórica.

ABSTRACT: The article establishes approximations in relation to the production of territorial space as a relational process, eminently social, historical, economic, political and cultural. A social construction mediated by the ontological trait of work that moves the production and reproduction of social life, because it is through work that the human race responds to its needs, transforms nature and also transforms itself. In this way, the territory is a

¹ Professor com formação em Serviço Social. Pontifícia Universidade Católica De São Paulo

social construction, nailed to the historical process, time and social relations. In the contemporary context of financial capital, in its globalized form of expansion, exploration and capillarization, aiming at complex mediations in the production of territorial space.

KEYWORDS: Production of space, Work, Territories, Socio-historical construction.

INTRODUÇÃO

Cada homem vale pelo lugar onde está: o seu valor como produtor, consumidor, cidadão, depende de sua localização no território. (SANTOS, 2007, p.107).

A citação em epigrafe do geógrafo Milton Santos é contundente ao afirmar que, a depender do lugar em que os homens estão/ocupam no espaço, seu valor é determinado. Assim, o lugar em que os sujeitos estão no mundo podem fazer com que ele valha mais ou menos no circuito das relações sociais.

O lugar, o território, ou mesmo o pedaço em que os homens vivem, trabalham, tecem suas vidas está intimamente relacionado ao processo de produção social. Não há vida deslocada do espaço nem da história, é sobre essa compreensão que o território passa a ser apreendido como o “chão” onde essas mediações acontecem, em que as classes se constituem e se movimentam, forjando sua existência e seus espaços de vida. De tal modo, espaço e valor² (de troca, sobretudo) são pontos que se conectam sobre as densidades no modo de produção capitalista no contexto dos últimos três séculos.

É essencial à análise crítica considerar que os territórios são construídos

2 Os valores variam de acordo com o processo de trabalho e com as necessidades dos homens. Um objeto ou mesmo espaço que, por suas propriedades, pode satisfazer às necessidades espirituais ou materiais dos homens tem inscrito em si valor, socialmente construído e atribuído, podendo ser determinado por suas propriedades naturais e por sua utilidade, de acordo com as carências que supre. Lukács (1979, p. 7) analisa que “[...] o produto do trabalho tem valor (no caso de fracasso é carente de valor, é um desvalor). Apenas a objetivação real do ser para nós faz com que possam realmente nascer valores. E o fato de que os valores, nos níveis mais altos da sociedade, assumam formas mais espirituais esse fato, não elimina o significado básico dessa gênese ontológica”.

historicamente no movimento do curso e das transições da história social dos homens, sendo dinâmicos e relacionais, compõem-se de multidimensionalidades que perpassam sua constituição e configuração sócio-histórica. Sua produção está ligada aos componentes naturais, ao solo, à terra, mas, sobretudo, é constituída por meio das relações sociais tecidas ao longo do tempo. Na medida em que o gênero humano através do trabalho transforma a natureza e a si, também transforma o espaço em meio socialmente mediado e modificado por seus interesses.

Assim, os territórios são construídos e reconstruídos a partir das relações humanas, de processos interativos entre os homens e seus espaços, estabelecendo teias e tramas mediativas para a produção e reprodução da vida social, econômica, política e cultural dos lugares (SANTOS, 2009).

1.1 Território: a conexão entre espaço e tempo

O processo de produção da vida social está intimamente ligado à ontologia do ser social, ao trabalho como mote ontocriativo dos homens, criando e recriando o mundo e suas relações sociais.

O espaço criado (ao contrário do natural) é um fruto do trabalho que articula teleologia e causalidade. Esta última implica a sujeição da vontade à materialidade do mundo externo ao homem. [...] As formas espaciais produzidas pela sociedade manifestam projetos, interesses, necessidades, utopias. São projeções dos homens (reais, seres históricos, sociais e culturais). (MORAES, 2005, p. 22).

Destarte, é por via do trabalho que o gênero humano se constitui um ser social, pois é atividade vital que produz e movimenta categorias ontológico-sociais fundantes do ser social, como: sociabilidade, consciência, liberdade e universalidade, que são construídas social e historicamente. Em outras palavras:

Trata-se do processo no qual, mediante o trabalho, os homens produziram-se a si mesmos (isto é, se autoproziram como resultado de sua própria atividade), tornando-se para além de seres naturais – seres sociais. Numa palavra, este é o processo da história: o processo pelo qual, sem perder sua base orgânico-natural, uma espécie da natureza constitui-se como espécie humana – assim, a história do desenvolvimento do ser social, como processo de humanização, como processo da produção da humanidade através da sua auto-atividade, o desenvolvimento histórico é o desenvolvimento do ser social. (NETTO, 2007, p.38).

O trabalho como processo de transformação da natureza realizado a partir das necessidades humanas é elemento central para compreensão da constituição dos espaços. É neste sentido que, ao produzirem as condições materiais para dar conta da vida, os homens produzem de modo conjunto o espaço.

A partir dessa premissa, pode-se refletir que o espaço é uma criação humana e social. Saturado de mediações movimentadas pela capacidade humana do trabalho, também é composto pela categoria tempo, uma vez que a dimensão do tempo se expressa atrelada ao processo de trabalho. Portanto, tempo e espaço são determinações ontológico-sociais, criadas e movimentadas a partir do trabalho, são construções eminentemente humanas que expressam a edificação e apropriação dos homens sobre as técnicas para projetar e mediar respostas às suas necessidades.

Não há humanização do planeta sem apropriação intelectual dos lugares, sem uma elaboração mental dos dados da paisagem, enfim, sem uma valorização subjetiva do espaço. As formas espaciais são produtos de intervenções teleológicas, materializações de projetos elaborados pelos sujeitos históricos e sociais. Por trás dos padrões espaciais, das formas criadas, dos usos do solo, das repartições e distribuições, dos arranjos locais. (MORAES, 2005, p. 16).

Em outras palavras, o espaço é constitutivo de tempo, e o tempo é constitutivo do espaço, são pares dialéticos, elementos fundantes da relação: sujeito, trabalho e produção da vida social. Quando se pensa em espaço e tempo, não se pode negligenciar a técnica como elemento que movimenta o processo de criação humana, pois todo espaço é socialmente criado e constitui-se de técnicas e instrumentos humanos, uma vez que os espaços são engendrados no processo de objetivação humana fundada no trabalho. “As técnicas são um conjunto de meios instrumentais e sociais com os quais o homem realiza a sua vida, produz e, ao mesmo tempo, cria espaços” (SANTOS, 2014, p. 29).

Assim, as técnicas são constitutivas do território, elemento de sua composição e transformação, de modo que contêm marcas, traços, rugas sociais e materiais deixados por períodos históricos precedentes. Milton Santos (2014) expõe que as técnicas estão no centro das relações sociedade-meio, são essenciais aos diferentes modos de produção ao longo da história; enfatiza que, ao organizarem seus modos de produção, os homens criam espaços territoriais que são

completamente mediatizados pelas técnicas, correspondentes ao seu tempo histórico-social. As cidades, por exemplo, são espaços que constituem a expressão material do processo de produção, são impregnadas pelo trabalho, pelas mediações da criação e do uso de técnicas, sendo um produto humano e social.

Aqui se discute a técnica não em seu nível instrumental, pragmático, funcional à produção econômica ou como arsenal a serviço da razão única, mas como um recurso do processo de criação humana, inerente ao trabalho como categoria ontológica, central no processo de produção e reprodução material e espiritual da sociedade. Todo o trabalho humano é investido de técnica, que está em todos os domínios da atividade dos homens. Assim, os territórios, a partir de sua noção social, são criações humanas mediadas por um arsenal técnico-social, que expressam sínteses históricas³ dos processos ontocriativos e interativos da humanidade.

É nesse bojo que os territórios – que comportam a união relacional entre espaço, tempo e técnica – são criações humanas que perpassam e se dinamizam pelos diferentes conteúdos históricos, culturais e econômicos.

As formas espaciais são produtos históricos. O espaço produzido é resultado da ação humana sobre a superfície terrestre que expressa, a cada momento as relações sociais que lhe deram origem. Nesse sentido, a paisagem manifesta a historicidade do desenvolvimento humano. [...] Tais objetos exprimem a espacialidade de organizações sócio-políticas específicas e se articulam sempre numa funcionalidade do presente [...]. Esta produção social do espaço material, esta valorização objetiva da superfície da terra, esta agregação de trabalho ao solo, passa inapelavelmente pelas representações que os homens estabelecem acerca do seu espaço. (MORAES, 2005, p. 15).

Os espaços são construídos e detêm lógicas, conteúdos racionais – projetivos, intencionais dos homens em interação com seus modos de vida e modos

3A compreensão de história refletida por este trabalho não é compreendida como cronologia, mas processo saturado de mediações não homogêneas e, por isso, é cheia de contradições e singularidades que necessitam ser pensadas, analisadas, problematizadas. “História aqui entendida não como a sucessão dos fatos, mas como luta cotidiana dos homens e mulheres para produzir suas condições materiais de existência na relação com a natureza, mediada pelo trabalho, bem como o modo como os seres humanos interpretam essas relações. Assim, não é a consciência a essência, mas a relação com o meio concreto. A consciência não é apenas organizadora do meio, mas também ente que se organiza em função e em relação com o material” (ZAGO, 2013, p. 115).

A história não pode ser vista apenas como passado, como pretérito, como um conjunto acabado de coisas. A compreensão deve estar pautada na sua perspectiva como relação; como processo histórico de relações sociais; como movimento que está intimamente vinculado com a dialética que intercambia presente-passado e passado-presente na sua relação concreta com o que é material.

de produção. São organizados a partir de lógicas e acionados e usados segundo essas racionalidades, “[...] o espaço é um misto, um híbrido, um composto de formas-conteúdo” (SANTOS, 2104, p. 42).

De tal modo, os conteúdos das técnicas imbricadas na produção do espaço territorial envolvem substancialmente o conteúdo de tempo, que pode se expressar no tempo das coisas, no tempo da ação e no tempo como norma, e ainda recebem interferência das determinações sócio-históricas, econômicas e políticas da conjuntura pretérita e atual. O espaço em seu conteúdo de tempo é composto por rugosidades que são heranças, formas e conteúdos herdados do passado (SANTOS, 2000).

Necessariamente, o território é constituído de espaço, técnicas e de tempo, ou seja, é construção humana, e por isso só existe por meio das experiências dos sujeitos sociais, só se realiza por meio das experiências humanas, relacionais, do uso das técnicas, da experiência da utilização racional do espaço e do tempo.

As experiências revelam a história de cada território, de cada lugar cuja compreensão perpassa pela sua produção, e entender o território a partir dessas categorias permite “historicizar” o tempo e o espaço como fenômenos históricos, bem como “geografizar” as técnicas e as experiências humanas. Desta forma, é imprescindível registrar que espaço e tempo são inseparáveis, que existe uma inter-relação entre período e lugar, entre espaço real e tempo real, entre geografia e história. E é por meio do trabalho que o gênero humano faz a união entre espaço e tempo, usando o espaço constrói o território e o tempo social.

Tempo, espaço e mundo são realidades históricas, que devem ser mutuamente conversíveis, se a nossa preocupação epistemológica é totalizadora. Em qualquer momento, o ponto de partida é a sociedade humana em processo, isto é, realizando-se. Essa realização dá-se sobre uma base material: o espaço e seu uso, o tempo e seu uso, a materialidade e suas diversas formas, as ações e suas diversas feições. (SANTOS, 2014, p. 54).

A noção indissociável de espaço e tempo está ligada às relações sociais, às construções da sociedade humana, aos processos em curso no solo da vida material dos homens, nas mediações das experiências de classe, no tocante às formas concretas de trabalho e modos de vida, que são resultados de um conjunto de técnicas e de determinações históricas. É no espaço territorial que a história se

expressa, não como cronologia, mas como experiência histórica, social, política, econômica e cultural que incide sobre o lugar e, portanto, sobre a vida dos sujeitos.

O território é o conteúdo da relação mesma do homem com seu-ser-outro, que é ele mesmo (próprio), ou seja, é resultado e condição das territorialidades e temporalidades efetivas entre os sujeitos sociais e destes com a sua natureza exterior em cada relação espaço-tempo-território. [...] o território só se efetiva quando os indivíduos estão em relação com os outros indivíduos, significando interação plural, multidimensional, multiforme e unidade na diversidade. Há movimento do e no território, numa luta contínua no e pelo espaço e pelo território-lugar. (SAQUET, 2011, p. 80).

Assim, o processo de intercâmbio entre os homens e seus territórios de vida sofre determinações de múltiplos contextos em constante processo dialético de interface com as relações mais globais da sociedade, que determinam e influenciam as formas e os modos de vida dos sujeitos sociais, delineando a topografia social dos lugares, a identidade política dos espaços. Dessa forma, forjam-se as experiências sociais dos homens em determinada direção e organização social.

O território é o espaço que reúne matéria e ideia – trabalho; articula teleologia e causalidade, uma interação entre teoria e prática. É produto e processo de projetos, interesses, congrega os sentidos do gênero humano e do contexto do capital, obedece também às funções e necessidades da produção, a imperativos técnicos, à divisão social e técnica do trabalho, aos padrões de espacialização do modo de produção.

Essas construções sociais que constituem e fundam a base territorial dos homens são saturadas de mediações, componentes e marcas do tempo pretérito e do presente, imprimem as objetividades e as subjetividades inelimináveis do modo de produção capitalista, traçando relações que perpassam pelas experiências dos sujeitos e também sobre seu lugar de vivência.

A categoria território permite que a mediação analítica esteja conectada às escalas ontológicas do espaço e do tempo, considerando como o ponto de partida o espaço de vida dos homens, pois pensar o território nos obriga a pensar modos de vida e a organização social no esteio do cotidiano das classes.

O arquiteto Flávio Villaça (2015), ao discutir “O território e a dominação social”, aponta a intrínseca relação entre territórios e lutas de classe, como elementos conexos ao processo de produção do espaço urbano. Enfatiza que

“qualquer ser humano pode viver sem celular, sapatos, automóveis etc. Pode viver até sem edifícios, abrigando-se em cavernas. Entretanto, nenhum ser humano pode viver sem se apoiar sobre um pedaço de chão, de território” (VILLAÇA, 2015, p. 32).

O território expressa e contém os processos de produção e reprodução das relações sociais, é saturado pelas mediações do modo capitalista de produzir. Portanto, os territórios são traçados e mediados pelas experiências de classes, o lugar onde cada sujeito está determina o seu espaço na sociedade, sua classe, sua identidade, suas experiências, seu modo de vida, a forma como se comporta, como se relaciona com os outros, a maneira como vivencia as dimensões materiais e espirituais das relações sociais.

O lugar onde os homens e mulheres residem, circulam, movimentam-se também determina sua relação na divisão social e técnica do trabalho, bem como a posição do território na divisão capitalista do espaço.

Pensamos, antes de tudo, que o espaço não é uma estrutura de aceitação, de enquadramento ou coisa que o valha, mas uma estrutura social como as outras. Consideramos também que o valor do homem, assim como o do capital em todas as suas formas, depende de sua localização no espaço. [...] As condições “geográficas” são indubitavelmente condições sociais, porém, de um tipo particular. O problema da dialética das classes, não há dúvida, sempre se acha presente, mas a diversidade (enorme) de situações espaciais de classe também constitui um problema. [...] (SANTOS, 2007, p. 108).

O território é composto indubitavelmente por condições e relações sociais; as classes, por sua vez, são constitutivas dos espaços, com suas contradições e diversidades, e também se revelam desafiadoras. É preciso atenção na identificação dos movimentos que permeiam as classes e seus territórios, pois é necessário saber sobre como o lugar onde os homens se encontram determina as relações sociais, e como estas determinam as razões do espaço.

Os territórios são ocupados, usados, movimentados, produzidos e reproduzidos na dinamicidade das relações sociais em função das classes. As classes determinam de modo constante os territórios, atingindo diferentes escalas, desde as relações intraurbanas das cidades, passando pelas densidades regionais, e até mesmo os países são marcados pelo processo de produção das relações sociais do capital na produção do espaço na interface com as classes e suas relações antagônicas.

Esse processo indica não somente a produção e o condicionamento dos espaços como também as relações que se desenvolvem, movimentam e se mediatizam nos territórios, condensando modos de vida, trocas, sociabilidades, formas de relação objetivas e subjetivas do lugar. A divisão socioespacial do capital sobre os lugares delimita, organiza, reorganiza os espaços de pobreza e de riqueza, e em muitos casos há fortes enclaves, que por condições objetivas não permitem a mobilidade dos sujeitos em territórios empobrecidos, ou esquecidos pela modernidade seletiva da produção.

Milton Santos (2007, p. 112) expressa a necessidade de se deslocar de uma lógica pautada na “ótica espacialista”, que fragmenta o território, descontextualiza as relações de classe inerentes ao processo de produção dos lugares e à dinâmica das contradições do capital que operam sobre o espaço. Essa ótica impede a compreensão das razões das localizações no processo sócio-histórico e também das lutas de classes na produção do território, pois isola e individualiza a pobreza e os fenômenos sociais.

Nesse contexto, as análises precisam partir da singularidade das expressões da vida cotidiana dos sujeitos em seus espaços de vivência, em busca das referências da totalidade das relações sociais, que compõem e se conectam aos espaços de vida dos sujeitos, de modo a compreender as marcas territoriais e as experiências sociais de classes.

O historiador Edward Palmer Thompson (1987, p.9) compreende que o processo histórico da construção das experiências e consciência de classe é um “fenômeno histórico, que unifica uma série de acontecimentos díspares e aparentemente desconectados, tanto na matéria-prima da experiência como na consciência”.

Desta forma, destacamos que os espaços territoriais são saturados de experiências, vivências e acúmulos dos homens a partir de suas condições de classe, de suas experiências sociais e políticas. Portanto, os territórios são expressões e construções das objetivações humanas, das relações sociais criadas e recriadas pelos homens no âmbito de suas vivências, experiências e acúmulos de classe, que são as formas objetivas e subjetivas da vida traçadas nas mediações

históricas que impingem suas construções, formas e modos de vida. Marx (2014, p. 25), no livro *18 de Brumário de Luís Bonaparte*, expressa que:

Os homens fazem a sua própria história, contudo, não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles quem escolhem as circunstâncias sob as quais ela é feita, mas estas lhes foram transmitidas assim como se encontram. A tradição de todas as gerações passadas é como um pesadelo que comprime o cérebro dos vivos.

Assim, é possível compreender que os homens constroem sua história não de modo isolado e sem precedentes, ao contrário, as relações sociais de seu tempo e espaço são construídas na mediação e na constante relação com as heranças do passado. A história se apresenta no tempo e no espaço presente, delineando e corroborando para a edificação das relações sociais, não de modo a imobilizar os sujeitos, nem determinar a repetição do passado, mas como conduto que apresenta as mediações do presente, as quais os homens podem, a partir de suas experiências de classe, movimentar o curso e o fazer da história com novas implicações políticas.

Podemos destacar o processo de construção-reconstrução dos territórios no solo das relações sociais, que se dá por meio da ontologia do trabalho social, da ação prática humana na criação de respostas às suas necessidades, no tecer de constantes relações de sociabilidades e territorialidades, no intercâmbio entre passado e presente que se materializam em um “chão”, em uma espacialidade material, em determinada temporalidade social.

O território é fruto, resultado e síntese do processo de trabalho humano, das relações existentes na mediação da natureza, da criação do mundo social. É uma resposta socialmente construída a partir da necessidade do sujeito para viver, é o espaço natural transformado em espaço social, cheio de saturações históricas.

Assim, o território não é apenas um dado circunstancial. Ele é vital e parte integrante da dinâmica das coletividades. A vida não é um movimento desterritorializado. Entendido como espaço produzido pela sociedade, o território é obra coletiva e, em si mesmo, manifestações de poderes. A construção do território, através de relações sociais, por si só, passa a significar o estabelecimento de fronteiras de natureza variada – entre pessoas e coisas. (HISSA, 2002, p.40).

Neste sentido, é essencial refletir e pensar o espaço geográfico e a configuração dos lugares no contexto contemporâneo, que vêm sofrendo mutações

dadas as novas estruturas econômicas e políticas, que engendram desenhos espaciais particularizados, de acordo com os novos fluxos da economia global e das novas densidades que envolvem o mundo do trabalho.

A globalização como processo contemporâneo de expansão, conexão e capilarização financeira se expõe como um fenômeno de cunho político, econômico, social e cultural que forja novas realidades e processos em todo o mundo, que traça amplamente novas configurações sociais, econômicas, políticas e territoriais. Impacta os territórios e os modos de vida dos continentes, das nações e dos sujeitos na teia de suas relações cotidianas mais tênues.

Essa forma de universalização altera as dimensões geográficas da atividade humana. Quando a divisão do trabalho e a cooperação perversa por ela ocasionada se estendem à escala do planeta, o mundo como espaço se torna o espaço global do capital. (SANTOS, 2012, p. 23).

As expressões desse fenômeno se adensam no modo articulado e interligado das economias e dos fluxos de produção em todos os pontos do globo, na aceleração planetária da circulação de trocas de tecnologias, serviços, culturas e informações, bem como no fluxo financeiro que reconfigurou a reestruturação produtiva das indústrias, disparou o surgimento de novas atividades na área de serviços, expansão da produção tecnológica, e nas constantes crises econômicas cíclicas que atingem, das grandes às pequenas economias mundiais.

Vera Silva Teles (2015), ao discutir as relações sociais urbanas, expressa que a produção dos espaços urbanos se mostra complexa, porosa e multifacetada, pois as dinâmicas dos fluxos produtivos do capital tangenciam sobre o espaço novas fronteiras sociais, territoriais, legais e políticas. Engendram mudanças nos circuitos globalizados da economia urbana, campos de tensão, novos arranjos mercantilizados dos espaços, dos lugares e das vidas, somadas às formas militarizadas de controle de gestão dos lugares e da pobreza.

Todas essas singularidades do processo de reorganização do modo de produção econômico atingem e impactam a produção do espaço geográfico em sua organização, comportamento e processo de construção e reconstrução, produzindo profundas mudanças na organização territorial em escala mundial.

CONCLUSÃO

É preciso atenção às escalas e às expressões desse processo econômico, político, social e cultural na construção e reconfiguração dos territórios. As cidades na cena contemporânea, sejam elas grandes ou pequenas, globais ou locais, expressam sínteses do sistema de produção e dos fluxos de acumulação de seu tempo social.

Os sujeitos se dinamizam como atores dentro e ou fora do sistema produtivo da organização e divisão internacional do trabalho, sendo inclusos ou excluídos das tendências de organização da produção, e é neste contexto de múltiplas determinações que o território recebe e movimenta as mediações da macroeconomia, condensando o tempo e espaço como processo relacional e de uso dos sujeitos. Henri Lefebvre (2008), ao discutir o direito à cidade, reflete que a cidade é um texto inserido em um contexto amplo, campo de mediações entre diversas mediações que reúnem e se confluem em espaço local e global.

A cidade é uma mediação entre as mediações. Contendo a ordem próxima, a ela que a mantém; sustenta relações de produção e de propriedade, é o local de sua reprodução. Contida na ordem distante, ela se sustenta, encarna-a, projeta-a sobre um terreno (o lugar) e sobre um plano, o plano da vida imediata, a cidade inscreve essa ordem, prescreve-a, escreve-a, texto num contexto mais amplo e inapreensível como tal a não ser pela meditação. (LEFEBVRE, 2008, p. 52).

É assim que as estruturas econômicas e seus declives do modo de produção constituem espaços geográficos globalizados ao capital, permeando a composição de tessituras territoriais, disparando modos de organização da vida sob determinadas formas culturais que se imbricam no processo constitutivo dos lugares e das classes sociais.

É importante destacar também que o território se compõe de relações sociais, de expressões históricas e econômicas que se condensam nos modos de vida dos sujeitos, na relação intrínseca do seu fazer com a cultura, que se constitui e é constituída através das experiências sociais de homens e mulheres.

O território em si não é um conceito, ele só se torna um conceito utilizável para a análise social quando o consideramos a partir do seu uso, a partir do momento em

que o pensamos juntamente com aqueles atores que dele se utilizam. (SANTOS, 2000, p.22).

Destaca-se que é no intercâmbio entre as múltiplas determinações da realidade histórico-econômica que os homens como sujeitos “fazedores” da história criam e recriam seus modos de vida, por meio de experiências que os conectam a outros homens, movimentando vivências em experiências sociais, modos singulares de vida em práticas sociais saturadas de culturas, experiências que constituem a classe social à qual pertencem, vivem, produzem e se reproduzem.

Portanto, as classes são criadas no bojo de determinações mais amplas da realidade social, econômica, política e histórica, mas também do processo de relações que essa própria classe produz no que tange ao seu modo de vida e à edificação de suas culturas. É no intercâmbio vivencial, relacional, na construção de sociabilidades, nas suas cronologias, nas heranças sociais, políticas entre lugar, história e cultura que os homens movimentam suas experiências e consciências de classe.

As classes movimentam-se em relação social, constroem-se fazendo, sendo elemento ativo. Não é uma estrutura ou uma categoria epistemológica, mas sim uma categoria social imanente ao modo de produção capitalista. As classes se constroem em meio a processos de produção da vida, na toada das vivências, nas experiências e práticas de sua existência e condições de vida, são expressões e movimento das relações sociais no espaço e no tempo.

A classe, na tradição marxista, é (ou deveria ser) uma categoria histórica, descreve pessoas relacionadas entre si ao longo do tempo e as maneiras pelas quais elas se tornam conscientes de relações, separam-se, unem-se, entram em luta, formam instituições e transmitem valores em modalidades de classe. (THOMPSON, 1977, p.261).

A experiência à qual nos referimos é histórica e articulada ao movimento de classes. É um fenômeno que se viabiliza efetivamente nas relações humanas, não de forma determinada, mas como capacidade de percepção e articulação de interesses de alguns indivíduos contra outros, cujos interesses se divergem sob o solo do espaço de vida, sobre o território em que vivem e que disputam a vida. “E essa experiência adquire feições classistas, na vida social e na consciência, no

consenso, na resistência e nas escolhas de homens e mulheres” (THOMPSON, 1977, p.260).

É a partir desse contexto que se destaca a experiência como mediação das relações sociais, como expressão do conteúdo relacional humano, social, político e histórico que se revela como campo e elemento constitutivo da cultura. A experiência deve ser entendida como mediação entre as categorias classe e consciência, que permite revelar as conexões e relações maiores da sociedade. A experiência desvela o processo de consciência sobre seu tempo social no chão dos espaços territoriais.

Referências

HISSA, Cássio Eduardo Viana. **A mobilidade das fronteiras: inserções da geografia na crise da modernidade**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. 5.ed. São Paulo: Centauro, 2001.

LUKÁCS, George. **Ontologia do ser social: os princípios ontológicos fundamentais de Marx**. São Paulo: Ciências Humanas, 1979.

MARX, Karl. **O 18 de brumário de Luís Bonaparte**. São Paulo: Boitempo, 2011.

MORAES, Antonio Carlos Robert. **Ideologias geográficas: espaço, cultura e política no Brasil**. São Paulo: Annablume, 2005.

NETTO, José Paulo. BRAZ, Marcelo. **Economia Política: uma introdução crítica**. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2007.

SANTOS, Milton. **Território e sociedade**. São Paulo: Perseu Abramo, 2000.

SANTOS, Milton. **O Espaço do cidadão**. 7. ed. São Paulo: EDUSP, 2007.

SANTOS, Milton. **Por uma economia política da Cidade**. São Paulo: EDUSP, 2009.

SANTOS, Milton. **Pensando o Espaço do Homem**. 5. ed. São Paulo: EDUSP, 2012.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. 4. ed. São Paulo: EDUSP, 2014.

ZAGO, Luis Henrique. **O método dialético e a análise do real.** In: Kriterion, Belo horizonte: UFMG, v. 54, nº. 127, jun. 2013.

VILLAÇA, Flávio. O território e a dominação social. In: **Margem Esquerda:** ensaios marxistas. Boitempo: São Paulo, n. 24, jun. 2015.

THOMPSON, Edward Palmer. Folklore, anthropology, and social history. **The Indian Historical Review**, v.3, n. 2,1977.

TELLES, Vera. **Cidade: produção de espaços, formas de controle e conflitos.** Revista de Ciências Sociais. Fortaleza, v. 46, nº. 01, jan-jun, pp. 15 -41, 2015.